

## ALGUNS ASPECTOS DO USO DO VOCATIVO EM TELEJORNAL DE MINAS GERAIS

---

*Some Aspects of the Use of the Vocative in Television Newscast  
from the State of Minas Gerais, Brazil*

DOI: 10.14393/LL63-v38-2022-21

Gilberto Antonio Peres\*

Leandro Silveira de Araujo\*\*

---

RESUMO: O presente trabalho objetiva introduzir o leitor nos estudos sobre o vocativo no português, problematizando a necessidade de ampliar as pesquisas sobre a categoria sintática na língua. De modo particular, investigamos como o telejornal pode ser uma importante fonte de dados para o estudo do vocativo e, por conseguinte, análise das relações estabelecidas entre os enunciadores que figuram nos diversos quadros que compõem o telejornal. Assim, partimos da percepção social da linguagem em contraste com os estudos formais e tradicionais sobre o vocativo a fim de evidenciar a limitação dessas abordagens. Como resultado, observamos um quantitativo expressivo de ocorrências do vocativo no jornal mineiro e descrevemos como se distribuem quanto ao tipo e colocação sintática.

PALAVRAS-CHAVE: Vocativo. Telejornal. Português. Norma Linguística.

ABSTRACT: In this paper we aim to introduce the reader to studies on the vocative in Portuguese, while also pointing to the need to expand research on this syntactic category in the language. We looked into how the newscast can be an important source of data for studying the vocative and how the relationships between the enunciators can be analyzed in different newscast segments. Thus, we start from the social perception of language in contrast to formal and traditional studies on the vocative in order to highlight the limitations of these approaches. As a result, we observed a significant number of occurrences of the vocative in the newscast from the State of Minas Gerais, Brazil, and described how they are distributed in terms of type and syntactic placement.

KEYWORDS: Vocative. Television newscast. Portuguese. Linguistic Norm.

---

---

\* Mestre em Letras (PROFLETRAS/UFU). Doutorando em Estudos Linguísticos (PPGEL/UFU). ORCID: 0000-0002-1251-5752. E-mail: gilbertoperes(AT)yahoo.com.br.

\*\* Doutor em Linguística e Língua Portuguesa. Professor Adjunto no Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (ILEEL/UFU). ORCID: 0000-0001-8518-1266. E-mail: araujols(AT)ufu.br.

## 1 Introdução

A natureza do ser humano é ser social e todo ser social é interativo e comunicativo. Para se comunicar, o homem faz uso de um importante instrumento de expressão social: a língua. Ao usá-la, tanto por meio da escrita como da fala, o faz de maneiras diferentes, imprimindo-lhe marcas de sua própria experiência com a linguagem. Uma consequência natural desse manejo social é a percepção de que “qualquer língua humana viva admite formas diferentes de dizer a mesma coisa, o que a ciência da linguagem denomina variação linguística” (LUCCHESI, 2015, p. 14). Por isso, compreender a língua é também conhecer a identidade do falante, é perceber que esse falante expressa as características socioculturais de seu grupo social.

Se entendemos que as experiências constantemente mediadas pela língua se caracterizam como uma ação conjunta, veremos que os participantes exercem mútuas influências, isto é, atuam uns sobre os outros na troca comunicativa que empreendem (ANTUNES, 2014). Como resultado, observa-se que os indivíduos de dada comunidade de fala dominam as regras de funcionamento de uma língua, o que, nos termos de Antunes (2007), denomina-se gramática internalizada, isto é, aquilo que é correspondente ao saber natural e intuitivo que todo falante tem de sua própria língua.

Vislumbramos no elemento sintático vocativo um importante indicador de como as relações sociais se instauram por meio da linguagem, posto que o uso do vocativo resulta da interpelação ao outro, explicitando informações discursivas que nem sempre se materializam tão claramente em outras estruturas linguísticas – tais como o nível de proximidade ou hierarquia existente entre os interlocutores, intenções do enunciador, origem geográfica etc.

Embora seja revelador do funcionamento linguístico e da dinâmica que se instaura no ato comunicativo, o vocativo tem sido pouco explorado nos estudos descritivos do português brasileiro, razão que nos impele a lançar luz sobre o uso efetivo que se faz da construção, com especial interesse no contexto jornalístico e televisivo de Minas Gerais.

Uma busca na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) explicita-nos o tratamento do vocativo nos estudos linguísticos brasileiros. Foram encontradas vinte dissertações e sete teses. Desse total, apenas 09 trabalhos (03 teses e 06 dissertações) são estudos que exploram a descrição do vocativo; os outros 18 trabalhos (04 teses e 14 dissertações) possuem outros objetivos que tangenciam indiretamente o item vocativo. Tal

resultado (maior número de dissertações que de teses) nos leva a inferir que nem sempre há uma continuidade na pesquisa sobre o objeto “vocativo”. Verificamos que apenas uma pesquisadora da Universidade Federal de Minas Gerais manteve o estudo sobre o vocativo tanto no mestrado quando no doutorado.

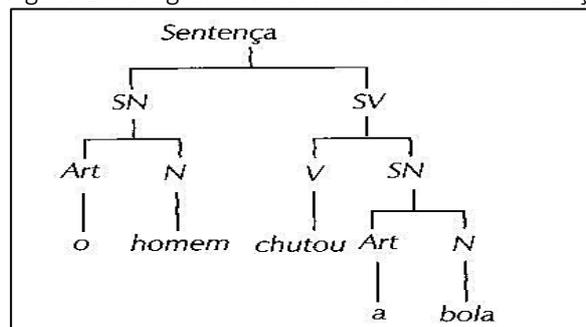
A fim de contribuirmos para o estudo do vocativo no Brasil, esta discussão discorre sobre como tradicionalmente o termo tem sido tratado nos estudos da língua. Em uma segunda etapa, ampliamos a discussão a uma análise de um telejornal mineiro, isso para vislumbrar alguns aspectos que envolvem o uso do vocativo, os que devem ser investigados mais amplamente em estudos futuros.

## 2 A sintaxe e o vocativo

Conforme explicam Berlinck, Augusto e Scher (2008), sintaxe vem do grego *syntaxis* e refere-se à ordem e disposição. Tradicionalmente, “remete à parte da Gramática dedicada à descrição do modo como as palavras são combinadas para compor sentenças, sendo essa descrição organizada sob a forma de regras” (p. 207). Observamos que as autoras evidenciam uma descrição da língua a partir de regras, as quais surgem de uma combinação entre as palavras que formam uma sentença.

As sentenças formadas em nossa língua são compostas por uma sequência de unidades de dimensões variáveis que estão combinadas hierarquicamente, ao que se denomina sintagma. Assim, segundo Chomsky (2015), a descrição linguística no nível sintático é formulada em termos de análises de constituintes. A seguir, na Figura 1, apresentamos um diagrama proposto por Chomsky para representar essa unidade de sequência:

Figura 1 – Diagrama da estrutura de uma sentença



Fonte: Chomsky (2015, p. 38).

A partir do diagrama da estrutura sintática, um número grande de sentenças pode ser criado. A sentença da Figura 1 resulta basicamente da união de um sintagma nominal (SN - *O homem*) e de um sintagma verbal (SV - *chutou a bola*). O sintagma nominal na função de sujeito é formado por artigo mais substantivo (palavra com função de núcleo). O sintagma verbal é formado pela união de um verbo (chutar) com outro sintagma nominal (a bola), por sua vez, constituído de artigo e substantivo. Dessa forma, temos a sentença: *O homem chutou a bola*. Muitas outras sentenças se formam a partir dessa estrutura, por exemplo: *O menino rasgou o jornal*; *O motorista bateu a porta*; *O repórter desligou o microfone*.

No entanto, percebe-se que o modo de proceder à análise da sentença nessa perspectiva não requer a compreensão do contexto em que ela efetivamente circula, quando se tem enunciador e interlocutor. Ou seja, não se sabe quem e a quem se diz que *O menino rasgou o jornal*. Pode ser que um homem, dono do jornal, o tenha deixado sobre o sofá, em uma sala de espera de um consultório médico, quando foi conversar com alguém no corredor. Enquanto isso, uma mãe se distrai e o filho de dois anos vai até o sofá e rasga o jornal. Ao retornar, o dono do jornal ouve da mãe do garotinho: Senhor, *o menino rasgou o jornal*. E poderia acrescentar outros enunciados, para lhe pedir desculpas. Nesse caso, o termo *Senhor* é empregado para interpelar o interlocutor.

Esse termo é apenas uma possibilidade de identificar o interlocutor que, nesse exemplo, leva-nos a inferir que o dono do jornal é uma pessoa mais velha que a mãe do garotinho e que ela não o conhece, uma vez que não o chama pelo nome. O dono do jornal rasgado seria chamado pelo nome, se a mãe do garotinho fosse sua amiga, por exemplo. Poderia ser chamado de *amigo*, se o garotinho estivesse sendo acompanhado pelo pai e não pela mãe. Outra possibilidade seria chamá-lo de *moço*, caso tivesse menos idade.

Portanto, o elemento permutado é uma clara evidência de como seu emprego está condicionado pela situação de uso, posto que há formas diferentes de empregá-lo conforme o contexto enunciativo em que ocorre.

Diante dessa breve discussão, observamos que à estrutura sintática básica representada pela Figura 1, em que um sintagma nominal (Art. + N) se justapõe a um sintagma verbal (V + Art. + N), pode-se somar mais um termo, que denominamos: vocativo. Essa estrutura, segundo Bechara (2009, p. 460) é “uma unidade à parte”; o que implica na percepção

de que, ao menos para o autor, o vocativo não ocupa um lugar na estrutura básica da oração. Para melhor compreensão desse termo, incluímos a definição de vocativo de acordo com Neves (2018), para quem:

O vocativo é um elemento da frase, mas não é propriamente um termo da oração, já que nem pertence ao predicado nem ao sujeito. Ele é externo à predicação, constituindo, unicamente, um chamamento, dentro do ato de fala. Ou seja, o vocativo representa aquela pessoa ou coisa que é explicitamente chamada, invocada, interpelada, na interlocução. Trata-se sempre, portanto, da pessoa com quem se fala, ou seja, da segunda pessoa do discurso. (NEVES, 2018, p. 109)

A concepção do vocativo como um termo à parte se refere ao fato de que ele não se engloba no conjunto de informações próprias da sentença ou oração, isto é sujeito + predicado. Mas caracteriza-se, no ato de interação, como o termo que evoca, chama o ser a que(m) as informações da sentença se destinam.

Neves (2018, p. 110) acrescenta também que o vocativo é um termo que frequentemente se associa a um imperativo (*Veja, Bruno, você é quem sabe o que precisa escrever a sua mulher...*) ou a uma interjeição (*Ó, minha terra brasileira*), ocorrendo geralmente em frases exclamativas. Ainda segundo a autora, o vocativo é uma das funções nominais do substantivo, não precedido de preposição.

No que se refere à sua associação com a interjeição, Neves (2018, p. 1128-1129) destaca que:

- 1) os vocativos são acompanhados por interjeições que têm forte componente interpessoal (*Ah! meu filho! O pecado foi meu!*);
- 2) as interjeições mais típicas de chamamento – *ó/ô* – são seguidas de um vocativo e de um imperativo (*Ó, minha terra brasileira/ ouve esta canção ligeira/ Que eu fiz!*); há interjeições que podem se repetir junto ao vocativo seguido de recado para marcar contato interpessoal (*Alô, alô, Realengo – aquele abraço!*).

Quanto à colocação do vocativo (Voc) na oração (Or), Moreira (2008, p. 13) observa que pode aparecer em três posições: [Voc + Or]; [Or + Voc] e [Or + Voc + Or], representadas, respectivamente, nos seguintes enunciados<sup>1</sup>:

- i) *Mãe*, o homem chutou a bola.
- ii) O homem chutou a bola, *mãe*.
- iii) O homem, *mãe*, chutou a bola.

Quando o vocativo é colocado à esquerda da oração, há um efeito de sentido próprio de um chamamento; quando colocado à direita da oração ou intercalado a ela, há um sentido de identificação do destinatário. No que se refere à pontuação, na escrita, quando o vocativo é colocado à esquerda ou à direita da oração, ele é separado por vírgula; se vier interposto a orações, é intercalado por vírgulas (BECHARA, 2009, p. 609). Na fala, a entonação do vocativo deve ser um pouco mais alta, geralmente própria de um chamamento.

As Figuras 2 e 3 são de cartazes publicitários que apresentam vocativos em seus textos, os quais são analisados com fundamentação no que discutimos sobre o termo sintático.

Figura 2 – Consultoria a profissionais da saúde

O cartaz apresenta o título 'CORONAVÍRUS COVID-19' em uma caixa amarela. Abaixo, o texto principal diz: 'Atenção, profissionais de saúde!' seguido de um ícone de um profissional de saúde com máscara e estetoscópio. O texto continua: 'Você, que é **médico** ou **enfermeiro** e trabalha em um **posto de saúde** ou faz parte de uma **equipe de saúde da família**. LIGUE: **0800 644 6543** E RECEBA **CONSULTORIA CLÍNICA GRATUITA** SOBRE O CORONAVÍRUS. De segunda a sexta, das 8h às 17h30. A partir de 1 de abril: de segunda a sexta, das 8h às 20h.' Na base, há uma barra amarela com o link 'saude.gov.br/coronavirus', o número 'DISQUE SAÚDE 136', o logo do SUS e o logo do Brasil 2014-2018.

Fonte: <https://iraucuba.ce.gov.br/informa.php?id=425>. Acesso em: 20 jan. 2023.

<sup>1</sup> Resgatamos a sentença da estrutura de Chomsky, conforme Figura 1, e acrescentamos o vocativo *mãe* para a exemplificação.

No cartaz, após o título que expõe o tema do anúncio (CORONAVÍRUS COVID-19), há o vocativo *profissionais de saúde*, que especifica a quem as informações e orientações estão diretamente relacionadas, colocando também a imagem de um profissional de saúde no mesmo alinhamento em que o vocativo está escrito. Num momento pandêmico, durante o qual a população procurava cada vez mais por informações, o emprego do vocativo antecipa o público-alvo da prestação do serviço. No caso, observamos o vocativo ao fim de uma frase nominal, indicando a quem a “atenção” é cobrada.

Figura 3 – Campanha contra o mosquito Aedes



Fonte: <http://www.unimed-taubate.com.br>. Acesso em: 18 jul. 2022.

No cartaz exposto na Figura 3, o vocativo aparece bem destacado, em caixa alta: Aedes, ao fim da sentença. Enfatizamos que no cartaz o vocativo aparece numa frase exclamativa e se associa a um imperativo. Implicitamente, o texto do cartaz é uma advertência para que a população tome os devidos cuidados a fim de que o mosquito Aedes-Aegypti não se prolifere. O fato de o mosquito “sair para lá” será consequência de a população fazer a sua parte, como bem reforçam as imagens à direita do texto. Desse modo, convida-se o interlocutor (população) a fazer coro uníssono frente ao desafio de eliminar as doenças transmitidas pelo mosquito, vocativo imediato do enunciado.

### 3 A presença do vocativo no telejornal mineiro

Nesta seção, apresentamos o resultado da análise do uso do vocativo durante a edição do telejornal MG1, exibido pela Globo Minas, na manhã do dia 15 de julho de 2022, durante 66

minutos e 11 segundos<sup>2</sup>. A análise mostra como o vocativo contribui no processo de interação entre os próprios jornalistas (apresentadores e repórteres) durante o telejornal e entre jornalistas e entrevistados. Observaram-se também diferentes maneiras de usá-lo e como essas diferenças interferem e garantem o estabelecimento e a manutenção do contato entre os profissionais que conduzem a apresentação do noticiário.

O telejornal MG1 é bastante interativo, com muitos quadros e inserções ao vivo. Na referida edição, apresentada pelos jornalistas Iana Coimbra e Sérgio Marques, além do momento de abertura, exibiram-se 13 notícias, 02 entrevistas, 01 chamada para o programa Terra de Minas, 03 apresentações no estúdio (quadro da situação de Belo Horizonte quanto à realização do CADÚNICO; dados da pandemia da Covid-19 em Minas Gerais e em Belo Horizonte; previsão do tempo), quadro MG Móvel, destaques da edição do JH (Jornal Hoje)<sup>3</sup> daquele mesmo dia.

Para a observação e análise das diversas notícias e quadros da edição do telejornal, que apresentou fatos ocorridos em diferentes espaços sociais, com características socioculturais também diversas, partimos dos pressupostos assinalados por Castilho (2020):

Imagine um locutor conversando com um interlocutor sobre determinado assunto. O resultado de sua interação será assinalado por sua obrigatória integração em características sociais involuntárias (sua origem geográfica, nível sociocultural, idade, sexo) e por escolhas voluntárias (seleção de um canal para a comunicação, seleção de um registro adequado à interação) (CASTILHO, 2020, p. 197).

Assim, a reflexão possibilitou a compreensão acerca da escolha do registro linguístico usado pelos repórteres, levando em consideração o tópico conversacional, seus interlocutores, o ambiente em que se encontravam: o telejornal exige mais atenção e adequação linguísticas quanto à norma padrão, isso para que os apresentadores e repórteres causem uma boa impressão na condição de usuários da língua.

---

<sup>2</sup> Para ver a edição na íntegra, dispomos o endereço eletrônico: <https://globoplay.globo.com/mg1>. Faça a busca pela data ou busque diretamente em <https://globoplay.globo.com/v/10762372/>.

<sup>3</sup> O JH (Jornal Hoje) é um telejornal exibido diariamente, em rede nacional, pela mesma emissora que exhibe o MG1.

Quanto aos dados da análise do uso do vocativo durante a edição do telejornal, registramos 103 ocorrências. Todas elas foram representadas por substantivos, não precedidos de preposição, confirmando o que já havia observado Neves (2018) ao conceituar o vocativo. A Tabela 1 mostra a quantidade de vocativos distribuídos conforme o valor semântico da base léxica do vocativo empregado, considerando especialmente o papel social ou o nome do enunciatário.

Tabela 1 – Uso de vocativos durante o MG1 (Globo Minas – 15/07/2022)

| Grupos sociais  | Quantidade | Percentual |
|-----------------|------------|------------|
| Nome próprio    | 82         | 79,61%     |
| Cargo ou função | 08         | 7,77%      |
| Instituição     | 01         | 0,97%      |
| Nome “coletivo” | 11         | 10,68%     |
| Lugar           | 01         | 0,97%      |
| <b>TOTAL</b>    | 103        | 100%       |

Fonte: elaborada pelos autores.

Os 82 vocativos constituídos de nomes próprios foram empregados em sua maioria pelos apresentadores e pelos repórteres para estabelecerem o turno de fala, nos momentos das participações ao vivo: foi empregado 34 vezes o vocativo *lana*; 32 vocativos chamando os repórteres; 10 vezes usado o vocativo *Sérgio*; 06 vocativos se referiram aos entrevistados. Houve 09 momentos em que a apresentadora ou o repórter diziam apenas o nome, não seguido de um cumprimento, por exemplo: ao fim da fala, o repórter dizia apenas “*lana!*” e a apresentadora sabia que o turno de fala seria retomado por ela.

Quanto ao papel social da pessoa interpelada (na tabela 1, chamamos de cargo ou função), os 08 vocativos usados foram assim distribuídos: 04 vezes o vocativo *Secretária* se referiu a Maíra Colares, Secretária Municipal de Assistência Social, Segurança Alimentar e Cidadania de Belo Horizonte; 01 vez *Senhor Prefeito*, dito por um entrevistado do quadro MG Móvel, em Nova Lima; 03 vezes o vocativo *Padre* para o Padre Fábio de Melo, durante uma entrevista.

Quando a repórter procedeu ao encerramento do quadro MG Móvel, em Nova Lima, após informar aos moradores a providência tomada pelo poder executivo local, ela diz: “A gente vai estar de volta para acompanhar a urgência de toda essa obra aqui, *prefeitura!*”. Foi o único vocativo que se referiu a uma instituição, atribuindo a ela a responsabilidade geral para realizar a obra a que fazia referência.

Com relação aos vocativos que consideramos se referirem a nome coletivo, destacamos 11 ocorrências: 06 vezes o apresentador Sérgio Marques se dirigiu aos telespectadores empregando o vocativo *pessoal*; 04 vezes os jornalistas interagiram com o público por meio do vocativo *gente*; 01 vez o repórter fez uma advertência aos pais sobre as unidades de saúde que atenderiam crianças no final de semana em Belo Horizonte, dizendo “Atenção, *pais!*”.

Por fim, no final na edição, a apresentadora chamou o jornalista César Trali, apresentador do jornal em rede nacional JH, para dizer as principais manchetes da edição daquele dia. Trali iniciou sua fala assim: “Olá, Iana! Olá, *Minas!* Boa tarde!”. O vocativo *Minas*, um caso de metonímia, substituiu as pessoas pelo lugar.

Alguns vocativos foram usados de maneiras bem peculiares. Primeiro, destaca-se a forma como a apresentadora chamou dois repórteres para a participação ao vivo de maneira mais íntima, usando o apelido *Cadu*, para Carlos Eduardo Alvim e apenas o sobrenome *FIÚZA*, para Patrícia Fiúza. Todos os outros repórteres foram chamados por nome e sobrenome. O fato de um repórter ser chamado pelo apelido durante a exibição de um telejornal, que se caracteriza como um contexto de interação mais formal, pode revelar mais proximidade no convívio diário entre os profissionais no ambiente de trabalho. Situação semelhante pode ter ocorrido com o fato de a apresentadora ter chamado a repórter Patrícia Fiúza apenas por *Fiúza*. Interpelar alguém pelo apelido ou pelo sobrenome é um fato de que uma norma gramatical não dá conta, uma vez que há questões relacionadas à interação social dos interlocutores que interferem na escolha de um substantivo para o emprego do termo sintático.

Segundo, o vocativo *Senhor Prefeito* foi usado por um morador de Nova Lima, que é funcionário público municipal, no quadro MG Móvel. Nota-se, por parte do morador, uma postura de respeito não só pela autoridade municipal que o prefeito é, como também por aquela pessoa que é seu patrão; há, neste caso, a influência da relação de poder entre os interlocutores. Por último, o vocativo *gente*, com uso semelhante a *pessoal*, em uma ocorrência,

foi empregado com muito entusiasmo pela apresentadora, com o intuito de animar os telespectadores a se inscreverem em um Arraial Junino. Como estava no último dia de inscrição, a jornalista disse “Corre, gente!”.

Finalmente, apresentam-se exemplos de ocorrências de vocativo observando a posição deles nas sentenças. Foram empregados vocativos nas três posições possíveis: à esquerda da oração (*Larissa*, agora o Flávio José dos Santos virou réu?), intercalado (E a gente quer saber, *Flávia*, o que o pessoal pode esperar desta festa?) e à direita da oração (O que pode ser feito em relação a isso, *Wagner*?).

A tabela 2 expõe a quantificação dos vocativos conforme a posição em que se encontram nas sentenças. Como se observa, há uma diferença no total dos vocativos que se apresenta nas tabelas 1 e 2. Isso se deve ao fato de que 12 ocorrências de vocativo se caracterizam apenas como recurso para passar o turno de fala, durante a comunicação entre os apresentadores e os repórteres. Por exemplo: a repórter que apresentou o quadro MG Móvel, quando concluiu sua apresentação junto aos moradores do local em que se encontrava, disse apenas “*lana!*” para que a apresentadora continuasse, no estúdio, o telejornal.

Tabela 2 – Posição dos vocativos empregados durante o MG1 (Globo Minas – 15/07/2022)

| Posição na sentença  | Quantidade | Percentual  |
|----------------------|------------|-------------|
| À esquerda da oração | 40         | 38,84%      |
| Intercalado à oração | 12         | 11,65%      |
| À direita da oração  | 39         | 37,86%      |
| <b>TOTAL</b>         | 91/103     | 88,35%/100% |

Fonte: elaborada pelos autores.

As posições em que o vocativo mais foi empregado são à esquerda e à direita da oração, apresentando, praticamente, a mesma quantidade em cada uma dessas posições. A posição em que menos foi empregado é intercalado à oração. Nessa posição, observamos que dentre 12 vocativos, a maioria deles, 08, se referem a nomes próprios (06 vezes a apresentadora *lana* e duas vezes nomes de repórteres – *Wagner* e *Flávia*).

Conclui-se, então, que durante a apresentação do telejornal em que observamos o uso do vocativo é mais comum os jornalistas e entrevistados se dirigirem aos interlocutores no início ou no fim de suas falas.

#### **4 Considerações finais**

Em um breve texto introdutório, refletimos acerca da heterogeneidade linguística percebida nos atos de interação social, decorrente das diferenças socioculturais das comunidades em que seus falantes estão inseridos. Dessa forma, optamos por analisar uma unidade sintática, o vocativo. Apresentamos seu conceito conforme as prescrições da gramática, enfocando também em que posição esse termo é inserido em uma sentença ao compor um enunciado.

Após o estudo da conceituação de vocativo em manuais gramaticais, procedemos a uma análise do uso do vocativo durante uma edição do telejornal MG1, exibido pela Globo Minas. O telejornal é feito com muita interação entre dois apresentadores no estúdio e os repórteres, bem como entre os repórteres e os entrevistados ao vivo. Houve durante todo o tempo de exibição do telejornal a preocupação com a monitoração da fala, embora se perceba em alguns momentos o uso do vocativo condicionado por situações de afinidade entre os interlocutores ou mesmo um tom mais cerimonioso entre os profissionais do telejornal.

Observamos que além da norma que a gramática prescreve há fatores relacionados ao uso que interferem no emprego do vocativo. A comunicação que ocorre durante a exibição do telejornal favorece a construção de muitos enunciados com a presença de vocativos, os quais nos permitem observar usos bem diversos. Constatamos o emprego de um total de 103 vocativos, que analisamos quantitativamente conforme o grupo social a que se referem, bem como o contexto em que alguns se destacaram, por exemplo, quanto à formalidade na interação entre os interlocutores ou à relação de proximidade entre eles. Também se observou o posicionamento deles em relação à oração.

Por fim, evidenciamos que estudos sobre o vocativo são ainda limitados. Esse fato nos instiga a desenvolver futuros estudos e pesquisas, investigando sociolinguisticamente diferentes comunidades de fala, com objetivo de analisar se estruturas sintáticas com a presença do termo vocativo podem ser potenciais fontes de ocorrência de variação linguística.

## Referências

- ANTUNES, I. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- ANTUNES, I. **Gramática contextualizada**: limpando “o pó das ideias simples”. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BERLINCK, R. A.; AUGUSTO, M. R.A.; SCHER, A. P. Sintaxe. *In*: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras, v.1. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 207-244.
- CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2020.
- CHOMSKY, N. **Estruturas sintáticas**. Tradução de Gabriel de Ávila Othero e Sérgio de Moura Menuzzi. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 2015.
- LUCCHESI, D. **Língua e sociedade partidas**: a polarização sociolinguística do Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.
- MOREIRA, J. C. **O vocativo no português brasileiro nos séculos XIX e XX**: um estudo de mudança linguística. 2008. 108 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ALDR-7LTG8Z>. Acesso em: 16 jan. 2023.
- NEVES, M. H. M. **A gramática do português revelada em textos**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

Recebido em: 20.01.2023

Aprovado em: 26.03.2023